

A REPÚBLICA
- Especial -



Djalma Maranhão

REC
NATAL

Setenta anos

A Djalma Maranhão

(Carta aberta para o Além)

Natal, 02 de Agosto de 1971.

Benvindo, caro Djalma,
Para encomendar sua alma,
Nesta terra estremecida,
Onde repousam seus pais,
E você procura a paz,
Se não pôde tê-la em vida.
A derradeira homenagem,
Na derradeira passagem
Pelo seu torrão Natal,
É-lhe o prêmio dos amigos,
O mais caro dos artigos,
— Essa pobreza leal.
A sementeira bendita,
Plantada sem fazer fita,
Através de seus caminhos,
Motivou tão nobre povo
A lhe demonstrar, de nôvo.
A prova de seus carinhos.
Esta cidade fraterna,
De gente bondosa e terna,
Você soube conquistar,
Durante sua gestão,
Ao cumprir, com devoção,
O dever de trabalhar.
Aquela sua campanha,
Que redundou na façanha
Em prol dos analfabetos,

Das crianças, dos adultos,
Inspirou, nos homens cultos,
Os mais sinceros afetos.
O seu grande idealismo,
Transformando em otimismo,
Se não foi compreendido,
Quem o conheceu, de perto,
Saberá porque, decerto,
Você não foi esquecido.
Se do coração viveu,
A distribuir o bem,
E a todos favorecer,
E, pelos pobres, sofrer,
Fazer algo por alguém.
Eis por que, depois de morto,
Ao descer no Aeroporto,
Mereceu a despedida
Dos simples, da multidão,
Sentindo a separação,
A dor de sua partida.
Foi comovedor seu pranto,
A regar, no Campo Santo,
O chão coberto de flôres,
Em que dorme o Deputado,
O Prefeito devotado
Ao bem dos trabalhadores!

(*) Expedito Silveira



Poema a Djalma Maranhão

Palmira Wanderley

*Djalma, eu que sou a poetisa
da cidade do Natal,
que ensinei a juventude
lhe querer muito bem
e mostrei a todo mundo
as belezas que ela tem,
venho render homenagem
a seu Prefeito também.
Pela coroa dos Reis Magos, de tantos globos de luz,
pela árvore da alegria, que dá sombra prá Jesus,
pelo encanto diferente que a cidade soube dar,
pela alegria do povo
pela crença popular
pelas festas do Natal, que nasce no mesmo dia
que o Deus Menino nasceu.
Louvado seja o Prefeito que o destino da cidade
tão cristãmente entendeu
Pelos cantos. Pelas danças. Pelos sandangos nas praças.
Pelas lapinhas de outrora. Revivendo a tradição.
Acelte meus parabéns!*

(Natal, 27-11-1963)



Solenidade cultural presidida pelo prefeito Djalma Maranhão. Presentes o escritor Câmara Cascudo, Gen. Antônio Carlos Muricy, Sra. Dária Maranhão, pintor Newton Navarro, Dr. Grácio Barbalho, poetisa Palmyra Wanderley, entre outros.

Aniversário do prefeito Djalma Maranhão, comemorado em sua residência. Presentes o escritor Câmara Cascudo, brigadeiro Armando Serra de Menezes (depois Chefe do EMA no Governo Costa e Silva), Alm. Silveira Lobo (Chefe do EMM no Governo Costa e Silva), deputado Moacyr Duarte, Drs. Heriberto Bezerra, Ticiano Duarte, Moacyr de Gois, Enock Garcia, Milson Dantas, almirante Poggy e Tertius Rebelo, Eng. João Ferreira de Souza, jornalista Celso Silveira e Paulo Macedo e Sr. Genésio Cabral.



O prefeito Djalma Maranhão, o governador Dinarte Mariz, almirante Silveira Lobo e chefes militares na festa do Clube Naval.



O jornalista que amava folclore

Gumercindo Saraiva

Quando dirigíamos o Instituto de Música do Rio G. do Norte, instituímos vários concursos internos, incentivando particularmente os alunos do estabelecimento. O Curso de Piano, principalmente, tomou nova vida e as professoras ficavam radiantes após os conclaves amistosos. Éramos verdadeiramente entusiasmados com os concursos musicais e outros cursos particulares da província realizavam, notadamente, as escolas de acordeon infestando a cidade, sob o pioneirismo da professora Mariuce Lima.

De volta do famoso "Concurso Internacional de Piano", realizado em Salvador, oportunidade em que levamos àquela cidade várias professoras do Instituto de Música, procuramos o prefeito Djalma Maranhão, no sentido da editidade proporcionar aos estudantes de música em nossa capital, concursos de composições e instrumentos, participando também estudantes de Mossoró e outras cidades interioranas.

MELODIAS PARA O NATAL

Diante de nossa insistência, coadjuvado também pelo prof. Garibaldi Romano, eis que afinal, Djalma Maranhão, já criando o "Coral da Cidade do Natal", resolveu, por Lei, instituir anualmente, um concurso, cujo regulamento damos abaixo, aliás, transcrito de uma crônica de nossa autoria, escrita no JORNAL DO COMÉRCIO, de 6 de dezembro de 1961:

— "DEC. Lei Nº 1:166 — Institui em caráter permanente o "Concurso de Melodias para o Natal" e dá outras providências: —

O Prefeito da cidade do Natal — Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sancionei a seguinte Lei:

Art. Primeiro — Fica instituído em caráter permanente, na Diretoria de Documentação e Cultura da Municipalidade o CONCURSO DE MELODIAS PARA O NATAL;

Art. Segundo — Serão distribuídos três prêmios, às três melhores composições, com inscrição alusiva ao certame, assim especificados:

A) 1º prêmio — Medalha de Ouro; b) 2º prêmio — Medalha de Prata; c) 3º prêmio — Medalha de Bronze.

Parágrafo Único — Os prêmios deverão ser conferidos por ocasião dos Festejos da Cidade do Natal, devendo o Prefeito Municipal constituir uma comissão para julgamento das melodias que serão apresentadas até o dia 10 de novembro de cada ano;

Art. Terceiro — A regulamentação do Concurso de que trata o artigo primeiro será fixado pelo Executivo

dentro de 60 dias a partir da vigência desta Lei.

Art. Quarto — Fica o Prefeito Municipal autorizado a abrir o crédito pessoal necessário ao cumprimento do que estabelece o Artigo 3º desta Lei, podendo para tal, anular verba do Orçamento vigente.

Art. Quinto — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Natal, 5 de outubro de 1961.

Djalma Maranhão — Prefeito — Moacir de Góis — Sec. de Educação e Cultura".

Apesar de já criada a Ordem dos Músicos do Brasil, onde no Estado fomos o seu primeiro presidente, a classe de compositores dividia-se, por causa de política, achando que Djalma Maranhão devia instituir Prêmio em dinheiro, o que não concordamos, visto que há muitas maneiras de dar mérito aos artistas competentes, e as medalhas representavam não somente um troféu, mas acima de tudo uma peça valiosa para posteridade, onde essas insígnias serviriam de ornamento em currículos, conforme nossa sugestão dada ao próprio Prefeito no momento da criação desta Lei.

ACADEMIA DE COMPOSITORES

O prefeito Djalma Maranhão, inegavelmente, foi um dos maiores incentivadores para que a música em nossa capital se erguesse, através de sociedades culturais. Daí, ter sugerido aos músicos a fundação de uma entidade, quando se pensou na criação da "Academia Potiguar de Compositores", onde fomos aclamados presidentes e a diretoria composta dos Srs. Oscar Siqueira, Francisco Klion, Mauro Wanderley, Jacira Costa, Roberto Nei, Vanildo Nunes, Veríssimo de Melo, todos, entusiasmados com a idéia do Prefeito da capital.

É de notar que desse movimento de renovação musical em nosso Estado, surgissem no decorrer do tempo alguns festivais, simpósios artísticos e outros incentivos, dando aos nossos compositores uma nova forma de união, com elementos integrando-se à musicalidade provinciana, mormente quando apareceram os primeiros prêmios para as músicas carnavalescas.

DJALMA MARANHÃO, O HOMEM DO BAMBELÔ

Djalma Maranhão, auxiliando a Sociedade de Cultura Musical, Instituto de Música, Academia de Compositores, tratou de incentivar os grupos folclóricos, atualmente em falência em nossa cidade. Até as Sereias foram prestigiadas pelo

Prefeito, organizando uma das maiores, quando no ano de 1961 à meia-noite do Dia do Ano, levou para a casa de José Maux Júnior, uma turma de seresteiros com violões, bândolins, clarinetes, violino e outros instrumentos, com as vozes mais autênticas do Estado, inclusive o saudoso Santos Lima, interpretando "PRAEIRA", num acontecimento único, porque Djalma Maranhão vivia infiltrado na classe popular, realizando um trabalho fecundo em todos os setores da vida sócio-econômico-cultural, sem alarde, porque em sua mentalidade de homem público, sempre esteve à frente dos empreendimentos onde estivesse a juventude da terra que o viu nascer.

Depois, procurou os grupos de incentivadores dos folguedos tradicionais, e dentre eles, surgiu o incentivo para os grupos de "Bambelôs", a dança de roda, espécie de batuque, com uma monotonia, uniforme e visivelmente enfadonha. Como dança, o "Bambelô", é para enurdecer os espectadores, pois, os batuques das mãos, dos pés e zabumbas de todas as sonoridades, produzem efeitos de comunicação, através de quilômetros distantes dos grupos, apresentando com agilidade e cantoria parecida com os côcos praianos.

Pelo entusiasmo, incentivo, estímulo e dançado, dando, umbigadas convidativas para entrar na roda. Djalma Maranhão, nos meios governamentais da época era conhecido por o HOMEM DO BAMBELÔ. E, o próprio Dinarte Mariz, quando certa vez solicitara mandar pagar uma verba para o Instituto de Música, ele nos respondeu perante seus auxiliares:

— Gumercindo, procure o Homem do Bambelô!

Pouca gente sabe que Djalma possuía mais de cinquenta troféus, todos ligados à imprensa, esporte e música, oferecidos pelas entidades, reconhecendo os méritos de uma figura ~~de importância~~ sensível aos movimentos culturais, onde se projetou como uma folha imensa de trabalhos em prol dessas atividades numa época em que campeava nos setores administrativos do país, uma corrupção, onde o suborno enriquecia muitos políticos do país.

Atualmente, quando vemos tristemente o desaparecimento dos grupos folclóricos, lembramos a figura de Djalma Maranhão, desterrado de sua terra, mas, deixando nas artes uma parte de sua vida, em prol da cultura popular, em Natal, resumida atualmente a meia dúzia de Cordéis, circulando, porque de fato, esses folhetos, representam um tipo de literatura com o objetivo de injetar nos meios populares uma lição de civismo,

e bravura dos nossos antepassados, contando seu heroísmo, na magnanimidade de lutas pela conquista de idéias, como a Guerra do Paraguai, Canudos, Monarquia, República e outros movimentos conquistados através de figuras, hoje conhecidas nos cordéis memoráveis e fascinantes.

Contudo, um cordeanista potiguar está escrevendo uma série de folhetos para o acervo folclórico do Estado, notadamente com temas regionais, onde o Seridó é palco de fatos importantes para subsídios sociológico dos municípios adjacentes. Vicente do Riachão, a nosso ver é o segundo João Martins de Achaide, com a continuação das publicações que estão aparecendo no meio dos poetas populares.

Existe alguém não querendo aceitar Vicente do Riachão como poeta popular, o que discordamos. Peri Lamartine, irmão espiritual do vate, peca, apenas porque possui uma erudição fora do comum, onde as rimas, contagem de sílabas, sentimento do belo, inspiração fácil, caracterizando os livretos, que poderão no futuro promover uma polemica nos meios folclóricos da província. Mas aí, ficaremos ao lado de Vicente do Riachão, com os versos repletos de graça, encanto e atração, dando nome ao autor que vive escondido num "espigão" da Rua João Pessoa, nesta capital.

DJALMA MARANHÃO — O ÚLTIMO FIDALGO

O fidalgo, geralmente, é um homem rico, cheio de títulos, abastado e latifundiário. Mas, Djalma Maranhão era um fidalgo, apenas em forma Hereditária, com sangue dos Albuquerque, tradicionalmente conservadores e sempre se opoem às reformas radicais. E, pouca gente sabe que Djalma era filho do Sr. Luiz Inácio de Albuquerque Maranhão e D. Salomé de Carvalho Maranhão, descendentes de nobres e gente ilustrada.

Nascido a 27 de novembro de 1915, nesta capital, a Av. Rodrigues Alves, 684, o ex-prefeito de Natal destacou-se como um desportista atuante, nos principais clubes natalenses. Como jornalista, ergueu-se grandemente, fundando, escrevendo e prestigiando a classe, sendo notável sua idéia de fundar a "Associação Norio-Riograndense de Imprensa". Deputado federal, estadual, foi estimado pelos estudantes e professores de sua geração, falecendo em Uruguai a 30 de julho de 1971.

Nossa homenagem, portanto, ao musicista, também, Djalma Maranhão, o protetor do folclore e da música em nossa Estado. Honras a sua memória, porque, ele foi inegavelmente, um dos melhores prefeitos de nossa cidade.

De pé no chão também se aprende a ler

(Transcrito da Revista UNICEF — Boletim do Fundo das Nações Unidas para a Infância — n° 27 — 1962).

En 1960, se calculaba que Natal, ciudad de unos 200,000 habitantes y capital de Rio Grande do Norte, tenía alrededor de 60,000 analfabetos, y de éstos, 25,000 eran adultos. En noviembre de ese año, la Prefectura de Natal decidió emprender una campaña pionera de lucha contra el analfabetismo, orientada hacia las áreas más pobres y abandonadas de la ciudad. Paralelamente, hizo un llamado a todo el país pidiendo ayuda económica.

Desde entonces, y con el lema DESCALZO TAMBIEN SE APRENDE A LEER, sus escuelas han enseñado las primeras letras y los primeros números a varios miles de personas de modesta condición, a las cuales se ha buscado y acogido sin ninguna exigencia de indumentaria o solvencia, justificando ampliamente el entusiasmo y la fe de quienes creyeron que esto era factible.

En poco tiempo, numerosos locales cedidos gratuitamente para la instalación de las escuelas - sindicatos, sociedades de beneficencia, clubes de fútbol, iglesias de diversos credos y particulares - ofrecieron el espacio necesario para proceder a la educación popular.

Sin embargo, esto no era suficiente, y hubo que construir dos campamentos escolares con nueve grandes pabellones de 30 X 8 metros, con techo de paja y piso de tierra, donde se encuentran matriculados ahora cerca de 2,700 alumnos.

Entonces se encontró que el problema desarrollaba una tercera faceta: hay adultos que se avergüenzan de asistir a clases muy numerosas; para ellos se buscaron profesores voluntarios que se hicieran cargo de grupos más reducidos en casas particulares.

El "cuerpo docente" de esta campaña, reclutado casi íntegramente entre personas de buena voluntad que reciben una gratificación nominal, es some-

tido a cursos intensivos y periódicos de capacitación, y orientadores pedagógicos especialmente preparados asesoran permanentemente las escuelas con el fin de garantizar la regularidad y el rendimiento del aprendizaje.

En forma paralela a la campaña de alfabetización, otras actividades están destinadas a integrar la escuela en la vida de la comunidad. Entre éstas se cuenta el Círculo de Padres y maestros, que reúne a aquellos adultos que pueden influir más de cerca en el desarrollo del niño y en la estructura social de la comunidad, y que a la vez permite a los maestros conocer de cerca los problemas familiares de sus educandos.

Entretanto, las escuelas ya estaban funcionando, con una asistencia que promediaba más del 80% de las personas matriculadas y alcanzaba en algunos casos, el 100% de los inscritos. En los campamentos escolares, la enseñanza tenía lugar incluso en tres turnos, y en seis meses el número de matrículas en las escuelas de Natal aumentó en un 300%.

Simultáneamente un grupo de trabajo de educación popular, dirigido por un estudiante universitario natalense, entrevistó a más de 1.600 habitantes en el barrio de Rocas, acumulando datos relacionados con la campaña de alfabetización, y la Prefectura de Natal organizaba un seminario sobre problemas educacionales y culturales que durante veinte días repartidos sobre un período de cuatro meses discutió toda la gama de problemas relacionados con la enseñanza a diversos niveles en la capital.

Los periódicos de todo el Brasil comentaron entusiasmo dos la revolución pacífica que se está llevando a cabo en Natal. Sin bombos ni platillos, con medios modestos y fondos reducidos, una idea había y las escuelas con sus aulas llenas eran la mejor prueba del éxito obtenido.



O prefeito Djalma Maranhão condecorado pelo almirante Silveira Lobo, Comandante da Base Naval de Natal.



Djalma Maranhão assina, na Prefeitura do Natal, o termo de posse. Presentes o governador Dinarte Mariz, o futuro senador Luiz de Barros, jornalista Eugenio Neto, seu filho Marcos Maranhão e amigos.

Djalma Maranhão combate o analfabetismo

Djalma Maranhão - eu bem o conheço e, por muito conhecê-lo muito o estimo - está empreendendo em Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma campanha de alfabetização de crianças e adultos com o seguinte slogan: *De pé no Chão Também se Aprende a Ler*. Prefeito de sua cidade, eleito por uma bela votação demonstrativa de quanto ele é amado e respeitado pela sua gente. Djalma é dessas pessoas que luta sempre com muita alegria e muita coragem pelo povo de sua terra. Natal e ele são tão identificados, tão um só que nenhuma aspiração popular, nenhuma reivindicação do povo deixa de ter nele ressonância e apoio.

Não é amor utópico ou apenas lírico o de Djalma Maranhão pela sua Natal e pelo seu povo. É um amor construtivo, preocupado em tornar ambos gente e cidade-felizes. Agora, com esta campanha, mais uma vez Djalma demonstra sua crença na sua luta. Promove o primeiro ano de Educação com um "Grupo de Trabalho de Educação Popular". E pede, num cartaz eloquente, - este que tenho agora diante de meus olhos chegando a comover-me, que ajudem todos o Prefeito Djalma Maranhão a combater o analfabetismo em Natal, apresentando uma estatística por demais eloquente: há na capi-

Eneida

tal do Rio Grande do Norte, 80.254 analfabetos, sendo 35.810 crianças e 24.444 adultos. Há escolas para 17.744, mas (vejam bem os números) faltam escolas para 42.510 analfabetos.

Conheço também a equipe de jovens que acompanha Djalma Maranhão: conheço aquela fabulosa gente de Natal, que, tem como astro maior um dos maiores escritores brasileiros: Luis da Câmara Cascudo; homem plantado e tão plantado em sua terra que dela jamais sairá. Sei que toda esta gente está ajudando Djalma Maranhão, inclusive eu, que tenho a honra de ser cidadão potiguar, batizada por Cascudo com as águas do Potengi. Mas isso não basta. Creio que o centro do Rio Grande do Norte, os potiguares residentes nesta cidade, todos nós, podíamos ajudar de alguma maneira essa campanha de Djalma Maranhão, mandando-lhe cartilhas, cadernos, lápis, tudo, inclusive dinheiro que ele precisa para terminar o analfabetismo em Natal.

Bravos Djalma Maranhão. Você merece realmente a admiração e estima de todos nós. Conte comigo para sua campanha. Conte comigo sempre.

(Diário de Notícias-Rio de Janeiro, 12 de abril de 1961)



Djalma Maranhão e o folclore

Não creio que exista em todo o Brasil uma cidade onde se cultive nossas tradições populares com maior carinho e seriedade do que Natal. Deve-se isso a um homem forte, ainda jovem, extremamente simpático e inteligente que se chama Djalma Maranhão. Deixemos de lado, porém, o prefeito que, de camisa esporte, chega ao extremo de conceder audiências até em plena rua, misturando gostosamente com o povo que o trata pelo primeiro nome e o estima com sinceridade; preferimos abordar apenas um dos aspectos de sua administração, o que diz respeito à restauração que fez - consciente e honestamente - dos mais característicos folguedos nordestinos. Djalma transformou esta bonita, ensolarada e alegre capital, numa espécie de Passargada do folclore. Também estudioso do assunto (conheci-o há alguns anos em Salvador quando tomava parte num Congresso de Folclore), Djalma oficializou o incentivo de todos os grupos que, em Natal, cultivam danças e autos populares: Camaleão, quadrilha, fandangos, boi calemba, cheganças, bambelê. Realizam-se esses folguedos duas vezes por ano: em junho e dezembro. E cada época tem suas manifestações características. No ciclo junino por exemplo, foram restauradas as danças e tradições nordestinas dos arraiais - que são instalados nos principais bairros da cidade, notadamente nos populares - compreendendo quadrilhas e pastoris; o ciclo nata-

lino - que abrange os meses de dezembro e janeiro - compreende fandangos, boi calemba, côco de roda, congo, cheganças e ainda pastoris. O bambelê (reminiscência africana) funciona, porém, durante todo o ano.

Nome das principais sociedades folclóricas: Camaleão do Igapó, Carangueijo, Araruna, Arraial de Luis Antonio, Pastoril Sempre Viva, Asa Branca. Existe ainda em Natal uma Federação dos Folguedos Populares, dirigida por uma figura popular da terra: O velho Moreira.

Djalma Maranhão conseguiu tudo isso criando uma equipe jovem, inteligente, a qual entregou os principais departamentos da Prefeitura. É o caso, por exemplo, do Departamento e Documentação e Cultura, dirigido por uma poetisa que é das melhores de sua geração: Zila Mamede. Possui o D.D.C. biblioteca pública, Discoteca, Museu de Arte Popular; promove conferências e exposições de artes plásticas, patrocina prêmios e movimenta ao máximo a vida cultural da terra.

Vejamos rapidamente, o que o D.D.C. programou para os meses de junho, julho e agosto: a visita do sociólogo Gilberto Freyre e do poeta Mauro Mota, que aqui pronunciarão conferências; visita de Abelardo Rodrigues, para restaurar o Museu de Arte Popular, transformando-o, talvez no mais importante do Nordeste,

José Condé

Exposição do Autor - Norte-rio-grandense, documentada e ilustrada com conferências. Essas exposições se realizarão na Livraria Universitária, - uma das mais bem instaladas que já conheci em cujas vitrinas ficarão expostos os livros de autores de todas as épocas e escolas literárias; e em cujo salão terão lugar conferências diárias alusivas à vida e obra dos autores norte-rio-grandenses.

Ainda no plano do D.D.C. uma exposição de pintura e desenhos de Newton Navarro, excelente artista potiguar.

Antes de minha chegada a Natal, aqui esteve a pintora paulista Cléo, cuja mostra foi visitada - nos dias em que ficou aberta ao público - por mais de duas mil pessoas.

O lançamento do Concurso para escolha do novo Príncipe dos Poetas Brasileiros, foi feito no Palácio Felipe Camarão, onde, num gesto altamente simpático, o Prefeito Djalma Maranhão reuniu em torno do colunista algumas das figuras mais destacadas das letras norte-rio-grandenses. Aplaudindo a promoção e interpretando o pensamento das pessoas presentes, usou da palavra o escritor Luis da Câmara Cascudo.

Compareceram a reunião no Palácio da Prefeitura inúmeros escritores, professores universitários, jornalistas e artistas plásticos.

(Revista JANGADA, julho de 1959, Porto Alegre-RS)

Djalma Maranhão faz campanha em Natal

O Prefeito Djalma Maranhão, de Natal, Rio Grande do Norte, está empenhado numa batalha que exige o apoio geral. Tendo organizado um grupo de trabalho de educação popular, e mobilizando mesmo o auxílio do povo estabeleceu como compromisso, extinguir o analfabetismo em sua cidade. Nas ruas e nas praças de Natal, sobretudo nos bairros mais pobres, os cartazes sintetizam no "Slogan" - "DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER" - a decisão do governo municipal. Não vem sendo, entretanto, uma luta fácil. Faltam recursos, faltam livros. O que não falta, porém, é o entusiasmo.

O quadro, também divulgado em cartazes que acorda Natal para sua realidade cultural e humana, é doloroso. Atinge a 80.254 a população de analfabetos, sendo 35.810 crianças e 24.444 adultos, com escolas apenas para 17.744. Isso quer dizer que na pobreza dos seus recursos, o Prefeito Djalma Maranhão necessita de escolas com o indispensável material escolar para 42.510 brasileiros. A edificação dessas escolas e a aquisição do material escolar - se é um problema de Natal, é também um problema nosso. E não é por outro motivo que, nesta oportunidade, e face a decisão da Prefeitura de Natal

Adonias Filho

em erradicar o analfabetismo, transmito a solicitação da campanha aos que possam ajudar e contribuir.

Os editores e livreiros da Guanabara e São Paulo não têm como faltar à contribuição - e contribuição não para a Prefeitura do Natal - mas destinada às crianças e aos adultos que ali reclamam escolas e instrução. Aos editores especializados em livros didáticos, como se em Natal estivessem a acompanhar a campanha do Prefeito Djalma Maranhão, deixo ficar o apelo, na certeza de que livros e material escolar seguirão para os que vão aprender a ler com os pés no chão. Significará muito o pouco que seja. E, tendo em vista empresas como a Editora Nacional, a Companhia Melhoramentos, a Casa Matos - já que as doações de particulares continuam chegando - informo que quaisquer outros esclarecimentos poderão ser prestados por CLEANTO DE MAGALHÃES DANTAS (telefones 34.7454 e 42.2910).

É com respeito e solidariedade que o povo de Natal acompanha o que fora prometido: na boa cidade nordestina, dentro de cinco anos, todos saberão ler.

O prefeito Djalma Maranhão homenageado pelos comandantes militares de Natal: brigadeiro Silva Gomes e general Ancora.



O prefeito Djalma Maranhão e o presidente Café Filho.

O prefeito Djalma Maranhão jantando com o general Castelo Branco, Dom Eugênio Sales, presidente João Goulart e o general Albino Silva.



Djalma Maranhão

Marcos Maranhão

Relembro Nilo Pereira ao falar sobre Padre Monte: "Sinto-me chamado a escalar o cimo da montanha. Esta ascensão torna humilde o peregrino audaz".

Como encontrar palavras que expressem em toda sua dimensão e grandeza o líder popular, o pai amoroso, o companheiro terno, o amigo solidário, o administrador competente, o parlamentar atuante, o mandatário honesto, o prefeito que Natal amou, o político destemido e corajoso, o desportista completo, o jornalista vibrante, o estudioso dos problemas econômicos e sociais do Brasil, o idealizador dos grandes projetos públicos da cidade, o homem que esteve um século adiante das necessidades de Natal, trabalhou pela grandeza da Pátria.

Contemplo meu pai com os olhos de infância e adolescência, e numa névoa trazida pelo passado que se clarifica quando a memória traz recordações vindas de um mar longínquo e aportadoras para as praias brancas e douradas da imagem presente.

Quando meu pai, no desempenho do "munus" público viajava para a capital da República, na tentativa de conseguir recursos políticos e administrativos para Natal, sua volta era uma explosão de alegria, de festas e cores, que se traduziam na multidão de amigos e no carinho familiar constante. Os presentes trazidos, bolas, brinquedos, máquinas elétricas, criavam um mundo mágico que ele fazia surgir, abrindo as valises num sorriso franco que expressava o amor do pai profundamente carinhoso que ele foi. O atleta se transfigurava em criança na presença do filho, e aquele libador, forte, física e politicamente, percorria com as mãos dadas as minhas mãos dadas as minhas mãos, longas jornadas de sonho e encantamento.

Como esquecer as primeiras caminhadas ao seu lado no jipe "Furamundo", onde me mostrava o mar, o céu, os bairros pobres, suas realizações do dia-a-dia, e as estrelas no crepúsculo.

Nasci em 1947, quando meu pai iniciava sua efetiva vivência partidária que iria lhe proporcionar os mandatos de deputado estadual e Prefeito, levando-o à Câmara Federal, através de uma proposta democrática, nacionalista, abrangente, extensivas a toda sociedade brasileira.

Durante a época da guerra desempenha atividades jornalísticas, como correspondente da UPI em Natal, cobrindo as operações militares aliadas. Em suas atividades instala um pequeno moinho de milho, funda o "Diário de Natal", ao lado de Ruy Paiva, e Waldemar de Araújo, monta o "Monitor Comercial", casa-se com minha mãe, ingressa no Partido Social Progressista, do qual será Presidente e assume, posteriormente, a direção do "Jornal de Natal", pertencente a Café Filho.

Vejo Café Filho presente em nossa casa, comungando com meu pai dos ideais populares, na magia das multidões entusiasmadas pelas lendas que falavam de paz, justiça, amor e liberdade. Neste primeiro encontro da infância as mãos de meu pai me conduziam até Café Filho para que eu pronunciasse discursos de saudação, se orgulhando do filho criança que despontava cedo para os horizontes mais amplos da jornada humana.

Assisti os caminhos de meu pai. Jornalista, Presidente da Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa, Esportista atuante, Atleta. Presidente do Conselho Estadual de Desportos, Deputado Federal e Estadual. Prefeito de Natal em dois mandatos.

Com os olhos voltados para as regiões mais profundas do meu espírito, revejo a biblioteca de meu pai, onde tudo falava de eternidade, como no dizer de Manuel Bandeira e, guiado pelo seu amor, conheci um mundo interior onde Machado de Assis, José de Alencar, Jorge Amado, Alexandre Herculano, José Lins do Rêgo, Eça de Queiroz, Stefan Zweig, Racine, Shakespeare, Rilke, Verlaine, Neruda, entre outros, traziam mensagem e ecos ao coração do homem.

Foi o Prefeito que se identificou com a cidade, criando raízes com seu povo e sua gente.

Restaurou os autos folclóricos. De sua ação firme e dedicada de apoio reviviam as lapinhas, os pastores os fandangos, bambelôs, cheganças, araruna, e serestas, árvores de natal e presépios, enfeitavam as noites da cidade.

Construiu a Galeria de Arte, Concha Acústica, Fontes Luminosas que coloriam a noite e as madrugadas. Realizou Feira de Livros, Praças de Cultura, Congresso Brasileiros de Folclore, trazendo a Natal vultos como Jorge Amado, Gustavo Barroso, Mauro Mota, Eduardo Portela, Paulo Freire, Edson Carneiro, Mário Melo, José Condé, Umberto Peregrino, Antônio Vilela, Waldemar Cavalcanti, Ênio Silveira, Luiza Barreto Leite, Miécio Tati, Mário Jorge do Couto Lopes, Hildergarde Viana, Paulo Dantas, Edgar Proença, Pierri Furter, Carlos Pena Filho, Barosa Lessa, Bruno de Meneses, Théo Brandão, Manoelito de Ornelalles, Dante de Laytano, Carlos Galvão Krebs, Encide, Domingos Vieira Filho, Nunes Pereira, João Clímaco Bezerra, Mozart Soriano, Ascenço Ferreira, Júlia Dorado, Rômulo Argentiére entre tantos outros.

É preciso também que fale sobre o governante que encontrou em Natal de argila e areia e a transformou numa cidade pavimentada. Que trouxe o asfalto, a iluminação de mercúrio. Que protegeu as dunas, mas, com o progresso abriu, o caminho da Via Costeira. Que construiu o Palá-



cio dos Esportes, a Estação Rodoviária, a Galeria de Artes e os Centros Comerciais das Rocas e Lagoa Seca.

Que concedeu isenção fiscal as indústrias utilizadoras de matéria prima da região. Que fez o Código Tributário de Natal. Que doou milhares de terrenos, aforando-os aos pobres e contribuindo na construção de suas casas. Que ajudou a Academia de Letras e erguer sua sede própria. Que incentivou a música criando o Coral da Cidade. Que mandou mensagens à Câmara Municipal criando o Serviço de Casas Populares, a Companhia de Abastecimento Alimentício, a Empresa de Ônibus Elétricos, a Guarda Municipal e o programa de Educação e Saúde.

Palmira Wanderley, a grande poetisa premiada pela Academia Brasileira de Letras, com seu livro "Roseira Brava", num poema que ofereceu a meu pai em um dos seus aniversários afirma:

"Djalma, eu que sou a poetisa da cidade do Natal que ensinei a juventude lhe querer muito bem, e mostrei a todo mundo as belezas que ela tem. Venho render homenagem a seu Prefeito também. Pela Coroa dos Magos de tantos globos de luz. Pela árvore da alegria que dá sombra pra Jesus; Pelo encanto diferente que a cidade soube dar; Pela alegria do povo. Pela crença popular; Pelas festas de Natal. Que nasceu no mesmo dia que o Deus Menino nasceu. Louvado seja o Prefeito. Que o destino da cidade tão cristamente entendeu. Pelos cantos. Pelas danças. Pelos fandangos nas praças. Pelas lapinhas de outrora, revivendo a tradição. Aceite meus parabéns".

Vejo meu pai percorrendo a cidade, verificando as obras da Prefeitura. Conversando com os poetas, visitando peixadas, caranguejadas, associações de bairro e de rua em número de milhares, igrejas católicas, convivendo com padres e freiras que faziam ação social nos bairros pobres. Abraçando centenas de compadres e afilhados. Era um homem de grandes amizades acima de eventuais dissensões políticas. Teve em Dinarte Mariz um grande amigo, inextinguível.

Numa restituição telúrica do tempo aos acontecimentos transcorridos revejo o café da manhã em nossa casa onde meu pai, na cabeceira, dominava os acontecimentos e recebia os numerosos amigos que chegavam com as notícias do dia. Seu último aniversário em Natal foi uma apoteose, realizado no Palácio dos Esportes, onde centenas de mesas, abrigavam milhares de pessoas que iam saudar o Prefeito, após haverem publicado seus nomes em listas no Diário de Natal. Integrantes dos poderes públicos, da imprensa, da igreja, da maçonaria, Sindicatos, Lions, Rotary, funcionários, membros de associação de bairros, juizes, militares, políticos. Todos iam levar sua homenagem ao Prefeito, chamado carinhosamente de "Caudilho" e que, organizando duas coligações de oposição no Rio Grande do Norte, venceu as eleições de 1955, e 1960. Era o candidato nato a Governador do Estado.

Sinto, numa evocação proustitiana, os sons e os perfumes das noites de São João, quando ao lado de meu pai percorria as fogueiras que traçavam na noite o perfil de ouro e fogo que emoldurava sua figura legendária.

Defendeu, na Câmara Federal a industrialização do tungstênio no Rio Grande do Norte e a necessidade da reforma agrária, lutando contra os trustes estrangeiros. Abordou os problemas do algodão, do sal, do porto de Areia Branca, numa visão de defesa dos interesses nacionais.

Criou a campanha "De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler", dando acesso democrático e integrado das comunidades pobres as fontes do saber.

Seu ideário democrático, contido nos discursos, pronunciamentos e projetos apresentados na Prefeitura, Câmara Federal e Assembleia Legislativa, reunidos por mim serão publicados brevemente em livro, onde todos poderão ver seu pensamento político, efetivo, para o veredito da História.

Djalma Maranhão a quem Nelson Werneck Sodré chamou no "Seminário" n° 255, de "capaz, justo e lúcido", a quem Neiva Moreira adjetivou como grande brasileiro que deveria ter estátuas em todas as ruas de Natal; classificado como humanista por Moacyr de Góes, homenageado na imprensa carioca por José Condé, Eneida, Adonias Filho, e indicado por Ênio Silveira como "patriota dedicado ao Brasil merecendo a reverência dos democratas", descansa hoje na sua cidade que tanto amou. O vento entretanto traz sua presença, embalando os coqueirais, cujas palhas serviram de teto para sua campanha "De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler".